

ÉTICA EM WINNICOTT

Por Nahman Armony

Para abordar a ética de Winnicott será preciso apresentar alguns de seus conceitos, por constituírem esses uma base, digamos genealógica para o seu pensamento ético.

MOMENTO DE ILUSÃO- Uma de suas pedras fundamentais. Winnicott postula que o bebê ao ter fome e necessitar do seio terá a sensação de fazer surgir um seio, que, de outro ponto de vista, já existe. Trata-se de um de seus famosos paradoxos. O seio que aparece é ao mesmo tempo externo e interno, subjetivo e objetivo, não sendo nem um nem outro, mas sim um objeto transicional (que não é objetivo nem subjetivo) pertencente a um espaço que não é nem fora nem dentro, mas sim um espaço intermediário, um espaço potencial. O bebê terá então criado um seio que já existe. Essa afirmação necessita de uma retificação: a partir de um certo momento, quando o bebê passa da dependência absoluta à dependência relativa, isto é, quando ele já reconhece seus limites físicos e percebe a mãe como sendo um ele além dele, é que o seio torna-se um objeto transicional; até então, isto é, durante a dependência absoluta, enquanto a mãe ainda não foi fisicamente afeiçãoada, o seio é um objeto subjetivo. O momento de ilusão se desdobra teoricamente nos fenômenos transicionais, no espaço intermediário e na cultura, onde o objeto não é nem objetivo nem subjetivo, mas transicional. Essa formulação nos remete à questão da criatividade em Winnicott.

CRIATIVIDADE – podemos derivá-lo do conceito anterior. A primeira criação do bebê é o seio do “momento de ilusão”. Este torna-se o fenômeno exemplar da criatividade. Percebemos, imediatamente que criar não significa apenas criar a partir do que já existe, criar o novo, mas também criar o que já existe. Ex. : um músico (re)cria uma melodia já existente. Ele justamente cria ou recria porque o seu sentimento utiliza-se da melodia já existente para se manifestar. Outro exemplo: os fundamentos da matemática, podem ser ensinados/aprendidos por decoreba; vide equações que o estudante não sabe de onde vieram mas que lhe são úteis na resolução de problemas; ou essas mesmas equações podem ser alcançadas por um esforço do estudante que então as terá recriado, ou, de seu ponto de vista, criado. Mas criado algo que já é um acervo da cultura. Dessa maneira a cultura acumulada é verdadeiramente assimilada pela pessoa.

Uma conseqüência possível: a ânsia de estar de acordo com a crítica especializada muitas vezes dificulta a alguém dizer ou mesmo saber o que achou de um filme. Ele teme ser visto como medíocre, como incapaz de compreender uma realização superior. Ao invés de ir ao encontro do objeto apresentado (filme) ele deixa que o objeto o invada e sua opinião passa a ser a opinião dos peritos; ela é invadida pela opinião dos peritos, passa a ver a obra pelos olhos dos peritos e não por seus próprios olhos. Ela se impõe uma opinião, força o seu verdadeiro self a se recolher e deixa prevalecer o falso self. Ela não apreende, ela aprende. Outra situação é a pessoa ver o filme com o seu verdadeiro self, e após ter tomado contato com sua própria opinião, abrir-se para a opinião do outro; aqui o verdadeiro self está tomando contato com a diferença e podendo fazer dessa diferença uma fonte de crescimento do verdadeiro self. Criatividade é, pois, tudo o que a pessoa descobre a partir de si mesma, ainda que aquilo que ela descobriu já exista, e ainda que o objeto descoberto lhe seja apresentado. Para realizar descobertas, portanto para criar -- e, do ponto de vista externo muito do criar é recriar -- é preciso que ela esteja em um estado de espontaneidade fornecido pelo funcionamento predominante do verdadeiro self.

APRESENTAÇÃO DE OBJETO- É função da mãe, e depois, das figuras significativas, apresentar o mundo, os objetos, as idéias para o ser humano em desenvolvimento. Apresentar é diferente de impor. No conceito “apresentar” está incluída a imaturidade ou não prontidão do ser humano em crescimento para (re)criar -- conhecer -- o objeto. Está excluída a feição autoritária, tanto no modo de apresentar quanto no conteúdo da apresentação; refiro-me à possibilidade de que apesar do conteúdo apresentado não revelar uma intenção autoritária, o modo de apresentar denuncia o autoritarismo do agente apresentador. (Advertência: Estou tomando o cuidado de usar a palavra apresentação como conceito e usar as palavras aparentadas (apresentar, apresentador) na sua conotação coloquial). A apresentação será apreendida pelo sujeito à sua maneira, dentro de suas idiosincrasias, através de seu verdadeiro self, podendo ser assimilada e incorporada ou não. Novamente, estamos aqui no espaço intermediário, nem objetivo, nem subjetivo. A apresentação de objeto distingue-se da imposição de objeto (objeto entendido como qualquer coisa com a qual o ser humano entre em contato: idéias, coisas, valores, convicções, etc.) Em termos morais: um pai ou um educador poderá dizer que tal coisa é certa e tal coisa é errada. E poderá fazê-lo numa atitude de dono da verdade, sujeito do saber. “Eu conheço a verdade, e você deverá acreditar em tudo o que eu digo”. A outra possibilidade, que é a winnicottiana é não impor os valores, mas apresentá-los nas ocasiões adequadas e de forma não-autoritária. Ou então, ao invés de impor um valor, fazer o ser humano em desenvolvimento refletir sobre o valor. Apresentar os valores contrastantes para serem considerados por aquele que está na situação de aprendiz. Não é infreqüente que a criança, a partir de sua posição de fragilidade, de relativa impotência, a partir de seus sentimentos de ter sido injustiçada, preterida, desconsiderada, a partir da relação que estabelece com as outras crianças, a partir de sua experiência amorosa com a mãe, crie um sistema de justiça pré-consciente, um sistema de valores. Essa é uma criação do verdadeiro self que em contato com fragmentos da realidade faz uma integração entre os seus sentimentos de prazer e sofrimento e as normas, princípios e padrões que circulam no social.

A imposição de objeto é uma invasão que impede a atividade criativa e incorporadora do ser humano. A imposição de objeto impede a criação do espaço de ilusão e, portanto, da criatividade, autenticidade, da assimilação e incorporação do mundo dos valores, dos padrões. Na imposição o homem fica pendurado em valores extrínsecos; e ele, durante um bom tempo (antes que se instale um automatismo de repetição), terá de fazer um esforço consciente para cumpri-los; pelo contrário, na apresentação/assimilação de objetos, no espaço intermediário, no espaço de ilusão os valores não vindos de fora, mas sim do interior transicional da pessoa, haverá uma espontaneidade e flexibilidade no manejo dos valores.

A moral winnicottiana é a moral do verdadeiro self, a moral que foi criativamente criada e recriada e que continua a ser criada e recriada no contato com a realidade. Acompanhemos a criação dessa moral.

Até agora alinhamos conceitos que nos levaram a pensar na concepção ética e moral de Winnicott. Recomeçarei a minha reflexão, agora focalizando o desenvolvimento do sujeito segundo Winnicott. “Não existe essa coisa chamada bebê”, diz ele e continua: “o bebê é sempre ele mais a mãe”. Pouco antes e algum tempo após o nascimento, a mãe entra em um estado de preocupação materna primária, que faz com que ela se identifique com o bebê, praticamente adivinhando as suas necessidades. Complementarmente, o bebê está numa fase de dependência absoluta -- onde a mãe não está individuada -- e está caminhando

para a fase de dependência relativa – quando a mãe passa a ser um ele além dele. Nesse trajeto o bebê vive experiências de amor, de cuidado, de atenção, de zelo. Estão aí ocorrendo processos de identificação cruzada(ao mesmo tempo em que é amamentado, o bebê coloca seu dedo na boca da mãe para que ela mame) e vivências de mutualidade. Assim como a mãe cuidou dele, ele, em algum momento, ao perceber a mãe como separada e como tendo sentimentos próprios, irá cuidar dessa mãe. Ele se preocupará quando ela chora ou quando ela está aborrecida, ou ansiosa. Ao perceber que a mãe está sofrendo tentará socorrê-la, assim como sente que foi e é atendido pela mãe. Portanto, as teorias da relação mãe-bebê incluindo-se aí a teoria da mutualidade e a teoria das identificações cruzadas, criam uma base para a vivência de valores a serem exercidos na vida, desde que não se sepulte essa matriz vivencial primitiva.

Aproximadamente entre nove e dezoito meses, (Winnicott faz questão de não ser preciso) acontece a fase do “concern” - uma criação sua - que seria precedida da fase de culpa (conceito kleiniano). Estamos agora caminhando na fase da dependência relativa. Até então a mãe única era vivenciada como duas: mãe-objeto e mãe-ambiente. A mãe objeto, alvo dos ataques instintivos do bebê era por ele implacavelmente destruída. Com a mãe-ambiente, uma outra mãe, o bebê estabelecia uma relação de confiança afetiva. A destruição da mãe-objeto não atingia a mãe-ambiente, pois no psiquismo do bebê tratavam-se de duas mães separadas. Na fase anterior ao concern, o bebê uniria a mãe-bona e mãe-má kleinianas e temeria agora atacar o aspecto mau da mãe, pois se ele a destruísse estaria também destruindo a mãe-bona. Portanto, o bebê preserva a mãe de seus ataques por necessitá-la, por não querer perdê-la. Já na fase do “concern” o bebê, além de temer perder a mãe tem um zelo por ela, preocupando-se com o seu bem-estar. As identificações cruzadas da fase de dependência absoluta exercem aqui os seus efeitos.

Pois bem, podemos pensar que essa vivência de “concern” possa ser estendida a outras áreas de existência, criando assim valores positivos advindos de uma vivência que tem seu fulcro no processo de maturação do bebê. Na melhor das hipóteses os preceitos morais apresentados vão encontrar um ser humano que não está disposto a aceitá-los pela via da autoridade, mas que os considerará através da matriz vivencial por ele incorporada na sua relação mais primitiva com a mãe.

Desde que o ser humano em crescimento permaneça conectado à matriz mais primitiva, e desde que essa tenha sido suficientemente boa -- e aqui penso principalmente na questão da espontaneidade/invasão, falso-self/verdadeiro self -- ele poderá mais facilmente não aceitar imposições morais, tomando-as como apresentações a serem examinados em contexto. Posso agora simplificadamente falar que a genealogia de uma ética winnicottiana encontra-se nos conceitos de relação primitiva mãe-bebê, onde mais especialmente pontificam os conceitos de identificações cruzadas, de “concern” e de mutualidade.